

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Edição especial comemorativa do 10º aniversário
da Escola Superior de Educação

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Presidente do IPG

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 220 111* Fax (071) 222690

Composição
Centro de Audiovisuais e Publicações

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XX* Setembro de 1997

Edição especial comemorativa
do 10º aniversário da Escola Superior de Educação

Capa: Vista parcial do edifício da ESE

APRESENTAÇÃO

A Escola Superior de Educação da Guarda está a comemorar dez anos de existência com várias actividades culturais. Com esta idade, a E.S.E. tem uma vida ainda muito curta em comparação com os cerca de setecentos anos da prestigiada Universidade de Coimbra.

Esta efemeridade é ocasião para repensar o tempo passado que só existe enquanto presente e visionar o futuro que se quer já actual.

Com dez anos, a Escola tem forçosamente o sonho e a inquietação da sua juventude, procurando caminhos, alimentando esperanças, correspondendo às necessidades dos jovens ávidos de cultura e de progresso. Numa audácia prudente e numa inquietação apoiada, a Escola vai crescendo de modo persistente entre crises que para os jovens nunca são um fim, mas um eterno começo.

Este crescimento tem-se operado de modo quantitativo e qualitativo. Ao longo destes anos aumentou o número de alunos e logicamente de professores. A grande preocupação está na procura da qualidade do ensino, na motivação intelectual dos estudantes, na formação dos docentes, a que se pede um esforço continuado de actualização científica e pedagógica.

Nesta evolução procurou-se corresponder aos anseios dos jovens, às exigências do tempo, às necessidades das instituições económicas e sociais. Por estas razões a E.S.E., continuando a formar professores, voltou-se para o meio comercial e empresarial, criando alguns cursos de reconhecida utilidade pública. Nesta visão pragmática, os responsáveis nunca deixaram de conjugar o regional e o nacional, sem esquecer a experiência e a vitalidade de algumas instituições da vizinha Espanha.

Durante estes anos foram estabelecidas relações com outras escolas superiores, com evidentes benefícios para uma visão mais alargada e uma abertura a novos horizontes. Deste modo se vão consolidando as estruturas, criando uma melhor consciência das responsabilidades científicas e educativas.

Inserida na região da Guarda, a E.S.E. não pode esquecer as instituições culturais, sociais, económicas e tradicionais das

Beiras, transmitindo os seus valores e recriando a memória. Por outro lado está atenta às pessoas, valorizando a formação complementar e contínua em vários ramos do saber, com particular atenção aos professores da Guarda e regiões mais próximas. De todos os que trabalham nesta Escola, há que destacar os alunos, razão essencial de todas as preocupações e anseios. Eles vêm de todo o país para subir à Guarda, subindo durante alguns anos na cultura, na formação e numa esperança sustentada pelo esforço individual e colectivo.

Nesta Escola que está de certo modo ainda no começo de uma vida que se deseja longa, não se tem descuidado a investigação científica de que há belos exemplos com trabalhos individuais de professores e de alunos. A testemunhar esta inquietação intelectual está sobretudo a Revista *Educação e Tecnologia* que se tem mantido com a valiosa colaboração dos docentes e uma impressionante regularidade.

Apesar de todas as dificuldades a Escola Superior de Educação da Guarda vai trilhando o seu caminho que, se faz ao caminhar, com uma esperança efervescente, ainda que oscilante.

José Júlio Esteves Pinheiro
Manuel Carvalho Prata
António M. Matoso Martinho

EFEITOS DO SEXO, NÍVEL SÓCIO- ECONÓMICO, ANO DE ESCOLARIDADE E VIA DE ENSINO (POLITÉCNICO E UNIVERSITÁRIO) NO AUTO-CONCEITO DO ESTUDANTE

Maria de Fátima Bento*
Joaquim Armando Ferreira**

Introdução

Com crescente veemência as investigações sobre o estudante do ensino superior indicam a existência de mudanças estruturais, operadas durante estes anos que precedem a vida adulta, que ocorrem em inúmeros domínios tais como: auto-conceito, valores, interesses, atitudes, aspirações, objectivos, clareza e domínio das emoções e dos impulsos, interacção pessoal, competência intelectual e planos futuros.

Ao longo do século XX têm-se desenvolvido com alguma intensidade e profusão investigações empíricas no âmbito do auto-conceito. O estudo do auto-conceito tem representado um marco de trabalho que aglutina uma parte importante da comunidade de investigadores, provenientes de áreas tão variadas como a Sociologia, Psicologia e Educação.

O interesse do estudo deste conceito justifica-se porque, como afirmam Simões e Vaz Serra (1987), o auto-conceito é

Revista 'Educação e Tecnologia', Especial 10º Aniversário da E.S.E., Agosto 1997

* Assistente na E.S.E.

** Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

considerado uma variável psicológica que influencia directamente o comportamento, desempenho e ajustamento individual, como igualmente uma variável mediadora de outras relações, como por exemplo: o rendimento escolar.

Ainda a este propósito, refira-se que no âmbito educativo, o auto-conceito positivo tem sido relacionado com melhores rendimentos escolares, sendo, por conseguinte, a sua valorização e aperfeiçoamento um dos objectivos da educação (Shavelson e Bolus, 1982; Vaz Serra, 1986).

O auto-conceito é um construto bastante complexo no que se refere à sua definição, estrutura, conteúdo, teorias explicativas, história, aspectos metodológicos e relação com outros construtos. Não obstante, parece existir um certo acordo em termos da definição geral de auto-conceito entendido como a percepção que o indivíduo tem de si. Shavelson e Bolus (1982, p. 8) propõem como definição de auto-conceito geral a seguinte: "percepção que o indivíduo tem de si mesmo e das suas competências nos diversos domínios, percepção construída a partir das experiências do sujeito e das representações sociais dos outros significativos". Estas percepções são formadas a partir da experiência e interpretações do ambiente, sendo particularmente influenciadas pelos reforços, avaliações de outras pessoas significativas e atribuições que o indivíduo faz ao seu comportamento (Marsh e Shavelson, 1985).

Conhecer as relações que este construto pode apresentar com outras variáveis, como por exemplo: sexo, ano de escolaridade e nível sócio-económico, tem sido o objectivo de alguns trabalhos de investigação.

Relativamente às diferenças no auto-conceito geral em função do sexo, a generalidade das investigações aponta para a inexistência de diferenças significativas entre os sujeitos do sexo masculino e do feminino (Wylie, 1979). Embora essas diferenças se manifestem quando se analisam as dimensões específicas do auto-conceito.

Num estudo longitudinal, Dusek e Flaherty (1981) assinalam diferenças específicas no auto-conceito que vão ao encontro dos estereótipos sexuais tradicionais. Segundo Harter (1983) e Marsh *et al.* (1983, 1984, 1990), os sujeitos do sexo masculino apresentam um conceito de competência e aparência física superior aos do sexo feminino. No que diz respeito às dimensões sociais do auto-conceito, Richman (1985) refere níveis superiores de notoriedade ("popularidade") nos rapazes no fim da adolescência, enquanto outros autores (Marsh *et al.*, 1983, 1984; Veiga, 1990, 1995) não assinalam diferenças significativas entre os sexos.

As diferenças no auto-conceito entre mulheres e homens atribuem-se à percepção diferencial que ambos os sexos têm das suas capacidades (Eccles *et al.*, 1984), isto é, os indivíduos do sexo feminino tendem a avaliar menos positivamente as suas capacidades do que os do sexo masculino. Tal sucederia não só em situações em que a performance de ambos os sexos é idêntica, mas também quando a performance dos elementos do sexo feminino é superior à dos elementos do sexo masculino.

A relação entre o ano de escolaridade e o auto-conceito não tem sido muito estudada. Segundo Veiga (1995), as investigações realizadas tomando o ano de escolaridade e o auto-conceito para além de escassas têm sido inconclusivas.

Os estudos em que se procura comparar o auto-conceito de indivíduos provenientes de níveis sócio-económicos diferentes, incidem fundamentalmente nas facetas académicas do construto. Constata-se, ainda, uma ausência de consenso relativamente aos resultados alcançados. Enquanto uns estudos apontam para a existência de diferenças significativas em certas dimensões do auto-conceito que se manifestam em favor quer dos indivíduos de níveis sócio-económicos mais elevados (Richman *et al.*, 1985; Veiga, 1991, 1995), quer dos indivíduos de níveis sócio-económicos mais baixos (Trowbridge, 1972; Marsh e Parker, 1984 cf. Fontaine, 1991), outros argumentam não existir diferenças no auto-conceito dos indivíduos em função do estatuto social (Mayurama, Rubin e Kingsbury, 1981; Coopersmith, 1981; Bachman e O' Malley, 1986).

As investigações sobre as relações entre o auto-conceito e as variáveis sexo, nível sócio-económico e ano de escolaridade têm sido na quase totalidade realizadas com sujeitos que frequentam a escolaridade básica ou secundária. Poucos estudos têm analisado o auto-conceito de sujeitos que frequentam o ensino superior. De salientar ainda que não encontrámos qualquer estudo publicado na literatura científica nacional que tenha analisado o efeito da via de ensino superior (universitária e politécnica) no auto-conceito dos sujeitos.

A argumentação apresentada anteriormente permite sublinhar a necessidade de se continuar a realizar novos estudos sobre os efeitos das variáveis nível sócio-económico, sexo, via de ensino (universidade e politécnico) e ano de escolaridade no auto-conceito dos estudantes que frequentam o ensino superior.

Face ao exposto, o objectivo deste estudo consiste em analisar o auto-conceito dos alunos do ensino superior. Concretamente, procuramos conhecer a influência que certas variáveis - sexo, nível sócio-económico, ano de escolaridade e via de ensino (universitário ou politécnico) - podem exercer sobre o auto-conceito dos alunos do ensino superior.

Metodologia

Caracterização da amostra

Participaram neste estudo 400 alunos do ensino universitário (N=200) e politécnico (N=200) que frequentavam o primeiro (N=200) e o terceiro (N=200) ano dos respectivos cursos.

No que diz respeito à idade, os estudantes do 1º ano têm de 17 a 38 anos (Média= 19,71; D.P.= 3,025) e os do 3º ano de 19 a 46 anos (Média= 22,12; D.P.= 2,589).

Quanto ao nível sócio-económico dos alunos, verifica-se que a maioria destes provêm de famílias de classe inferior (49,2%) ou média (38,8%).

Instrumentos

Para a avaliação do auto-conceito dos estudantes foi utilizado o *Inventário Clínico de Auto-Conceito* (ICAC) de Vaz Serra (1986).

O ICAC foi construído para avaliar as percepções que a própria pessoa tem de si própria, mas centrando-se apenas em aspectos emocionais e sociais do auto-conceito. De salientar também que este instrumento foi essencialmente desenvolvido para fins clínicos e destinado a populações adultas.

Utilizámos o ICAC porque este instrumento, pelas características descritas anteriormente, pareceu-nos ser o mais adequado para a consecução dos objectivos do trabalho.

Este inventário é composto por seis factores, a saber: (1) aceitação/rejeição social; (2) auto-eficácia; (3) maturidade psicológica; (4) impulsividade-actividade; (5) e (6) mistos.

O instrumento foi construído segundo o modelo de escala tipo *Likert*, isto é, cada questão dispunha de cinco possibilidades de resposta ("não concordo", "concordo pouco", "concordo moderadamente", "concordo muito" e "concordo muitíssimo"), atribuindo-se assim a cada uma delas mais um ponto do que à anterior, havendo também itens formulados em sentido positivo e negativo.

A versão final do ICAC é constituída por 20 itens repartidos pelos seis factores (cinco itens para o primeiro factor, seis itens para o segundo, quatro itens para o terceiro, três itens para o quarto, o quinto e sexto factores com apenas um item).

A pontuação máxima que se pode obter neste inventário é de 100 e a mínima é de 20. O inventário foi concebido de modo a que os indivíduos com melhor auto-conceito obtivessem maiores pontuações.

A consistência interna do ICAC, determinada através do coeficiente de Spearman-Brown, foi de .791, um índice que Vaz Serra (1986) considera bastante elevado.

Quanto à fidelidade teste-reteste encontrou-se um coeficiente de correlação de .838, um valor que, para 108 sujeitos, é altamente significativo.

A validade de construto foi testada através da correlação entre a classificação pessoal do auto-conceito e a nota global obtida para o auto-conceito. Com efeito, a correlação obtida foi de .466, podendo-se considerar um valor altamente significativo para o número de 920 sujeitos.

Foi utilizado ainda um questionário para recolher informações sobre a idade, sexo, via de ensino, ano de curso e nível sócio-económico dos indivíduos.

Procedimento

A administração dos instrumentos foi feita colectivamente às turmas inteiras durante o horário lectivo normal.

No tratamento dos dados utilizámos a prova estatística ANOVA para o cálculo das diferenças estatisticamente significativas entre os diversos grupos que constituíam a nossa amostra.

Análise dos resultados

Pretende-se, em primeiro lugar, saber se existem diferenças significativas no auto-conceito entre sexos ou entre sujeitos das várias vias de ensino, anos de curso e níveis sócio-económicos. Um outro objectivo consiste em verificar se os efeitos da interacção entre o sexo, via de ensino e ano de curso são ou não significativos para o auto-conceito.

Começamos por estudar as diferenças no auto-conceito (seja geral, seja nas suas quatro dimensões) em função da variável sexo.

A análise dos resultados permite-nos constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas no auto-conceito entre alunos do sexo masculino e do feminino.

Do mesmo modo, o sexo do sujeito não é um factor de diferenciação de nenhuma das quatro dimensões do auto-conceito, concretamente: aceitação/rejeição social; auto-eficácia; maturidade psicológica; impulsividade-actividade (Quadro 1).

Relativamente ao efeito do factor via de ensino, a análise da variância (ANOVA) indica-nos que não existem diferenças estatisticamente significativas nos resultados do auto-conceito entre sujeitos que frequentam o ensino universitário e o

politécnico. Todavia, o efeito da via de ensino suscita diferenças significativas nas dimensões de auto-eficácia [(F (43,654)= 4,814; p= .028)] e de impulsividade-actividade [(F (13,272)= 4,344; p= .038)], manifestando-se as mesmas em favor dos alunos do ensino universitário.

A análise dos resultados em função do ano de curso revela que não aparecem diferenças significativas no auto-conceito e nas suas quatro dimensões entre os alunos do 1º e do 3º ano.

No quadro 1 mostram-se os resultados do efeito das variáveis sexo, via de ensino e ano de curso no auto-conceito e nas suas quatro dimensões ou factores.

Quanto à variável nível sócio-económico, a ANOVA permitiu evidenciar diferenças significativas no auto-conceito entre os alunos oriundos dos três estratos sociais: alto, médio e baixo [(F (106,34)= 3,04; p= .049)].

As comparações *post hoc*, realizadas através do teste de Scheffé, sugerem que os sujeitos de nível sócio-económico alto (M= 63,64) apresentam significativamente um maior auto-conceito que os de nível sócio-económico baixo (M= 59,13).

Passemos agora ao estudo do efeito de interacção do sexo, via de ensino e ano de curso nos resultados obtidos no auto-conceito e nas suas dimensões.

Assim, verifica-se que o efeito da interacção das variáveis sexo e via de ensino não atinge a significância estatística na variação dos resultados no auto-conceito geral e nas suas dimensões.

As ANOVAs realizadas mostram que não existe nenhum efeito significativo da interacção das variáveis sexo e ano de curso nas médias obtidas no auto-conceito e nas dimensões: aceitação/rejeição social; auto-eficácia; maturidade psicológica e impulsividade-actividade.

A variável via de ensino combinada com a do ano de curso não produz efeitos diferenciais significativos, quer no auto-conceito, quer nas quatro dimensões observadas.

A exemplo do que se verificou anteriormente, no auto-conceito, bem como em todas as suas dimensões, o efeito da interacção das variáveis sexo, via de ensino e ano de curso não adquire significância estatística.

Em síntese, os resultados obtidos permitem constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas no auto-conceito entre sexos ou entre sujeitos das diversas vias de ensino e anos de curso. Do mesmo modo, verifica-se que o efeito das variáveis sexo e ano de curso não contribuem para a explicação da variância dos resultados nas quatro dimensões do auto-conceito.

Apenas a variável via de ensino suscita diferenças significativas nas dimensões auto-eficácia e impulsividade-actividade. O sentido das diferenças manifesta-se em favor dos alunos que frequentam o ensino universitário.

Quadro 1
Análises de variância dos resultados no auto-conceito,
tomando o sexo, a via de ensino e o ano de curso.

Inventário Factores	Fonte de Variação	G.L.	Quadrados Médios	F	Prob.	Sig.
Auto-conceito Total	Sexo	1	177.838	3.229	.073	ns
	Via ensino	1	165.726	3.009	.083	ns
	Ano curso	1	7.481	.136	.712	ns
	(Sexo x Via)	1	1.103	.02	.887	ns
	(Sexo x Ano)	1	22.484	.426	.514	ns
	(Via x Ano)	1	84.125	1.527	.217	ns
	(S. x V. x A.)	1	3.063	.056	.813	ns
Factor I Aceitação/ Rejeição Social	Sexo	1	9.577	1.064	.303	ns
	Via ensino	1	.358	.04	.842	ns
	Ano curso	1	.541	.06	.806	ns
	(Sexo x Via)	1	5.529	.614	.438	ns
	(Sexo x Ano)	1	9.047	1.005	.317	ns
	(Via x Ano)	1	23.982	2.575	.109	ns
	(S. x V. x A.)	1	.979	.109	.742	ns
Factor II Auto-Eficácia	Sexo	1	11.291	1.245	.265	ns
	Via ensino	1	43.654	4.814	.028	*
	Ano curso	1	10.959	1.208	.272	ns
	(Sexo x Via)	1	14.061	1.551	.214	ns
	(Sexo x Ano)	1	4.982	.549	.459	ns
	(Via x Ano)	1	.736	.081	.776	ns
	(S. x V. x A.)	1	.803	.088	.766	ns
Factor III Maturidade Psicológica	Sexo	1	11.456	2.343	.126	ns
	Via ensino	1	12.7	2.62	.107	ns
	Ano curso	1	.828	.17	.681	ns
	(Sexo x Via)	1	.295	.061	.806	ns
	(Sexo x Ano)	1	11.248	2.304	.130	ns
	(Via x Ano)	1	16.31	3.341	.068	ns
	(S. x V. x A.)	1	14.424	2.955	.086	ns
Factor IV Impulsividade/ Actividade	Sexo	1	1.272	.416	.519	ns
	Via ensino	1	13.271	4.344	.038	*
	Ano curso	1	.895	.293	.589	ns
	(Sexo x Via)	1	.311	.102	.750	ns
	(Sexo x Ano)	1	5.195	1.701	.193	ns
	(Via x Ano)	1	.000	.000	.997	ns
	(S. x V. x A.)	1	4.368	1.428	.233	ns

* $p < .05$; ns = Não significativo

Já no que diz respeito ao nível sócio-económico, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre as médias do auto-conceito obtidas pelo grupo de sujeitos de nível sócio-

económico alto e os registados pelo grupo de nível sócio-económico baixo, com piores resultados para estes.

Por último, conclui-se que a variância dos resultados no auto-conceito e nas quatro dimensões do mesmo não é significativamente afectada pelo efeito da interacção das variáveis sexo, via de ensino e ano de curso.

Discussão dos resultados

A análise dos resultados obtidos pelos alunos no auto-conceito em função das variáveis sexo, nível sócio-económico, ano de escolaridade e via de ensino constituía um dos objectivos do presente estudo.

Assim, constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias obtidas no auto-conceito pelos alunos do sexo masculino e as registadas pelos alunos do sexo feminino.

Do mesmo modo, nenhuma diferença entre os alunos do sexo masculino e do feminino foi evidenciada nos quatro factores do auto-conceito, a saber: aceitação/rejeição social; auto-eficácia; maturidade psicológica e impulsividade-actividade.

Os nossos resultados apoiam a generalidade das investigações realizadas que tendem a verificar que o sexo surge pouco ou nada relacionado com o auto-conceito geral (Wylie, 1979; Marsh, 1989; Hattie, 1992).

As diferenças entre os sexos aparecem sobretudo quando se analisam as dimensões específicas do auto-conceito, manifestando-se umas em favor dos rapazes e outras em benefício das raparigas. Por exemplo, os sujeitos do sexo feminino têm um auto-conceito verbal superior aos sujeitos do sexo masculino, mas um auto-conceito de competência física nitidamente inferior (Marsh e Hattie, 1996).

A ausência, no nosso estudo, de diferenças estatisticamente significativas no auto-conceito em função do sexo pode ficar a dever-se ao facto de termos utilizado como instrumento de avaliação do referido construto o *Inventário Clínico de Auto-Conceito* (ICAC) de Vaz Serra (1986). Na verdade, o ICAC foi construído de forma a não deixar transparecer as diferenças entre os dois sexos.

O nível sócio-económico é um factor de diferenciação dos resultados no auto-conceito geral. Na realidade, viu-se que os alunos oriundos de estratos sociais elevados apresentavam níveis de auto-conceito superiores aos dos alunos provenientes de classes sociais baixas. Estes resultados vão ao encontro das conclusões de alguns estudos (Richman *et al.*, 1985; Veiga, 1995), afastando-se contudo dos dados indicados noutros trabalhos

(Mayurama *et al.*, 1981; Coopersmith, 1981; Bachman e O' Malley, 1986).

Assim, enquanto que nos estudos de Richman *et al.* (1985) e Veiga (1990, 1995) se constatou que os sujeitos das classes mais elevadas apresentavam níveis superiores de auto-conceito, nos trabalhos de Bachman e O' Malley (1986), Mayurama *et al.* (1981) e Coopersmith (1981) não se encontraram diferenças no auto-conceito em função da classe social.

Outros estudos revelam que os indivíduos das classes mais baixas tendem a apresentar níveis de auto-conceito mais elevados (Trowbridge, 1972; Marsh e Parker, 1984; Fontaine, 1991).

As escolas do ensino básico e secundário são, de um modo geral, mais variadas na classe social do que as escolas do ensino superior. Com efeito, no ensino superior existe proporcionalmente um número mais significativo de alunos de estratos sociais mais elevados do que nos outros níveis de ensino.

Sabendo-se que o auto-conceito constrói-se por um processo de comparação social, é possível admitir que no ensino superior o efeito diferencial da classe social no auto-conceito seja mais evidente.

Rosenberg (1979) estudou as relações entre a classe social e o auto-conceito, concluindo que: estas variáveis estão mais associadas nos adolescentes do que nas crianças e ainda mais nos adultos.

É provável que o factor idade - os sujeitos da nossa amostra eram adolescentes ou jovens adultos - tenha também contribuído para que nesta investigação o nível sócio-económico surgisse relacionado com o auto-conceito.

No que respeita ao ano de escolaridade, os resultados obtidos mostram que não existe uma diferenciação no auto-conceito e nos seus quatro factores entre os alunos do 1º e os do 3º ano. A explicação para o facto de não se registarem diferenças entre os anos pode ter a ver, conforme refere Wylie (1979) na sua revisão de estudos, com a estabilidade do auto-conceito desde a infância até à adultez.

Curiosamente, a via de ensino não foi igualmente uma variável que desencadeou diferenças significativas no auto-conceito. Significa isto que os alunos do ensino politécnico apresentaram resultados sensivelmente semelhantes aos alunos do ensino universitário no auto-conceito. Já o mesmo não ocorreu nos factores de auto-eficácia e de impulsividade-actividade do auto-conceito, onde os alunos do ensino universitário obtiveram níveis significativamente superiores.

A falta de estudos que analisem a relação entre o auto-conceito e a via de ensino condiciona a interpretação dos nossos resultados.

De qualquer modo, estes resultados são interessantes por duas ordens de razão. Em primeiro lugar, na amostra do presente estudo os alunos do ensino universitário são na generalidade de níveis sócio-económicos mais elevados do que os alunos do ensino politécnico. Poder-se-ia então pensar que os alunos do ensino universitário manifestassem níveis superiores de auto-conceito, uma vez que, como vimos, a classe social influencia o auto-conceito. Ora, os nossos resultados vêm contrariar esta suposição.

Em segundo lugar, o ensino politécnico é ainda visto na sociedade em geral como uma opção de recurso, surgindo depois de esgotada a hipótese de entrada no ensino universitário. Logo, se é verdade que o ensino universitário é mais valorizado socialmente, seria de esperar que os alunos que frequentam o ensino politécnico apresentariam um nível inferior de auto-conceito. Tal constatação não foi, no entanto, observada. O facto de não haver diferenças no auto-conceito entre os alunos das duas vias, pode ser devido ao facto das escolas do ensino universitário criarem um padrão de comparação ou um quadro de referência mais exigente para os seus estudantes do que as escolas do ensino politécnico.

Os resultados a que conduziu o nosso estudo indicam-nos que o efeito de interacção das variáveis sexo, ano de escolaridade e via de ensino não suscita diferenças estatisticamente significativas, quer no auto-conceito geral, quer nos seus quatro factores.

É possível que as interpretações acima aduzidas justifiquem, de algum modo, que a variância dos resultados no auto-conceito dos alunos do ensino superior não se apresente significativamente afectada pelo efeito de interacção das variáveis sexo, via de ensino e ano de escolaridade.

Conclusões

A partir das várias análises realizadas podem sugerir-se as seguintes conclusões:

1 - Verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas no auto-conceito entre sexos ou entre sujeitos das diversas vias de ensino e anos de curso.

2 - A variância dos resultados no auto-conceito não é significativamente afectada pelo efeito da interacção das variáveis sexo, via de ensino e ano de curso.

3 - O nível sócio-económico suscita diferenças significativas no auto-conceito. As diferenças manifestam-se em favor dos sujeitos oriundos da classe alta.

Bibliografia

- BACHMAN, J. G. e O'Malley, P. M. (1986). Self-concept, self-esteem and educational experiences: The frog pond revisited (again). *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (1), 35-46.
- COPPERSMITH, S. (1981). *The antecedents of self-esteem*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, Inc.
- DUSEK, J. e Flaherty, J. F. (1981). The development of the self-concept during the adolescent years. *Child Development*, 46, 1-60.
- ECCLES, J. et al. (1984). Sex differences in achievement: A test of alternate theories. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6(4), 26-43.
- FONTAINE, A. M. (1991). Desenvolvimento do conceito de si próprio e realização escolar na adolescência. *Psicologica*, 5, 13-31.
- HARTER, S. (1983). Developmental perspectives on the self-system. In Mussen, P. H. (Ed.), *Handbook of child psychology*. New York: John e Wiley and Sons, 4ª ed., 275-385.
- HATTIE, J. (1992). *Self-concept*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- MARSH, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81, 417-430.
- MARSH, H. W. (1990). The structure of academic self-concept: The Marsh/Shavelson model. *Journal of Educational Psychology*, 82, 623-636.
- MARSH, H. W. e Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In Bracken B. A. (Ed.) *Handbook of Self-concept: developmental, social, and clinical considerations*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 38-90.
- MARSH, H. W. e Shavelson, R. J. (1985). Self-concept: Its multifaceted, hierarchical structure. *Educational Psychologist*, 20 (3), 107-123.
- MARSH, H. W. et al. (1983). Self-concept: Reliability, stability, dimensionality, validity and the measurement of change. *Journal of Educational Psychology*, 75 (5), 772-790.
- MARSH, H. W. et al. (1984). Self-description questionnaire. Age and sex effects in the structure and level of self-concept for preadolescent children. *Journal of Educational Psychology*, 76 (5), 940-956.
- MAYURAMA, G.; RUBIN, R. A. e KINGSBURY, G. G. (1981). Self-esteem and educational achievement: Independent construct with a common cause? *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 962-975.
- RICHIAMAN, C. et al. (1985). General and specific self-esteem in late adolescent students: race x gender x SES effects. *Adolescence*, 79, 555-566.
- SHAVELSON, R. J. e Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74 (1), 3-17.
- SIMÕES, M. e Vaz Serra, A. (1987). A importância do auto-conceito na aprendizagem escolar. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXI, 233-252.
- VAZ SERRA, A. (1986). O inventário clínico de auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7 (2), 67-84.
- VEIGA, F. H. (1991). *Auto-conceito e disrupção escolar dos jovens: conceptualização, avaliação e diferenciação*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.
- VEIGA, F. H. (1995). *Transgressão e auto-conceito dos jovens na escola*. Lisboa: Fim de Século Edições, Lda.
- WYLIE, R. C. (1979). *The self-concept: Theory and research on selected topics*. Lincoln: University of Nebraska Press, vol 2.